



EDITORIAL

Eu, Edgar Franco, sou artista transmídia, pós-doutor em arte e tecnociência pela UnB, doutor em artes pela USP e mestre em multimeios pela UNICAMP. Como criador de histórias em quadrinhos (HQs) sou considerado um dos pioneiros e principais nomes do gênero poético-filosófico no Brasil. Publiquei minhas HQs em revistas como *Quadreca*, *Brazilian Heavy Metal*, *Nektar*, *Metal Pesado*, *Quark*, *Mephisto (Alemanha)*, *Dragon's Breath (Inglaterra)*, *AH BD! (Romênia)*, além de álbuns solo como *Agartha*, *Transessência* e *Elegia*, publicados pela editora *Marca de Fantasia*. Em 2009, recebi o *Troféu Bigorna*, premiação nacional de quadrinhos, por minha revista *Artlectos e Pós-humanos #3*, título também editado pela *Marca de Fantasia*. Além de criador, sou também pesquisador de HQs e artes com dezenas de artigos publicados e 2 livros de referência na área: "História em Quadrinhos e Arquitetura", com segunda edição publicada em 2012, e "HQtrônicas: do suporte papel à rede Internet", resultado de extensa e pioneira pesquisa a respeito de quadrinhos digitais e hipermediáticos⁶. Em 2015 lancei o livro "Processos Criativos de Quadrinhos Poético-filosóficos: A Revista *Artlectos e Pós-humanos*", parceria com a doutoranda Danielle Barros (Fiocruz/RJ). Tive minha tese de doutorado, "Perspectivas Pós-humanas nas Ciberartes", premiada no *Rumos Itaú Cultural SP* em 2003, e tenho produzido trabalhos de web arte, HQtrônicas, vídeos e instalações interativas. Atualmente sou professor adjunto da *Faculdade de Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás*, onde também atuo como professor permanente no Programa de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual. Venho criando obras nas mais diversas mídias como: poesia, conto, aforismo, arquitetura, escultura, pintura, desenho, quadrinhos, HQtrônicas, fanzines, videoclipe, fotografia, videoarte, web arte, instalações interativas, música e performance. Tenho inclusive uma banda performática, o *Posthuman Tantra*, que já lançou CDs em países como França, Inglaterra, Suíça e Japão e tem se apresentado em eventos acadêmicos nacionais e internacionais, já tendo realizado performances em 4 regiões do Brasil. Em 2014 a banda completou 10 anos de existência e foi lançado pela gravadora inglesa *412 Recordings* um tributo com 14 bandas realizando versões de minhas músicas como homenagem, incluindo bandas da França, Inglaterra, Colômbia e Brasil.

Também em 2014 fui indicado ao *Troféu HQmix*, o Oscar dos quadrinhos brasileiros, pelo álbum em quadrinhos *BioCyberDrama Saga*, obra criada em parceria com o premiado artista Mozart Couto. Lancei em 2015 o álbum em quadrinhos *Retrogênese*, em parceria com Al Greco. É importante destacar que desde 2000 toda minha produção tem como base um universo ficcional que venho desenvolvendo, a "Aurora Pós-humana", um work-in-progress criado por mim desde o ano de 1999. Nessa minha ficção científica, imaginei um futuro em que a transferência da consciência humana para chips de computador seja algo possível e cotidiano, quando milhares de pessoas abandonaram seus corpos orgânicos por novas interfaces robóticas. Imaginei também que neste futuro hipotético a bioengenharia tenha avançado tanto que permite a hibridização genética entre humanos, animais e vegetais, gerando infinitas possibilidades de mixagem antropomórfica, seres que em suas características físicas remetem-nos imediatamente às quimeras mitológicas. Nesse contexto ficcional as duas "espécies pós-humanas" tornaram-se culturas antagônicas e hegemônicas disputando o poder em cidades-estado ao redor do globo, enquanto uma pequena parcela da população - uma casta oprimida e em vias de extinção -, insiste em preservar as características humanas, resistindo às mudanças. A arte criada exclusivamente como capa dessa edição é uma reflexão poética e crítica sobre a reconfiguração brusca das relações sociais e afetivas com a aceleração tecnológica. A estranha e invasiva ubiquidade dos indivíduos com seus celulares, que zumbifica o cenário da vida ordinária criando diálogos descorporificados. Na imagem, a luz azul hipnotizante do aparelho, torna o homem parte dele. Também o vazio interno, a liquidez nas relações, a dor, o esvaziamento de sentidos, e o estranhamento de quem consegue observar o fenômeno sem fazer parte dele, são representados metaforicamente. Ciberpajé (Edgar Franco).